

# Um manifesto cinematográfico

*A cinematographic manifest*

**Pedro Fontes Vieira Perrone, Graduando**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

pedro.perrone@gmail.com

## RESUMO

Por ocasião da greve nacional dos caminhoneiros, ao final de maio de 2018, antecipei uma atividade da disciplina História do Design I, que ministro na PUC-Rio. Os alunos, em suas casas, deveriam assistir o filme *A Greve*, da trilogia de Serguei Eisenstein, de 1925, e escrever resenha sobre a obra. O filme, em minha programação de aulas, faz parte de uma apresentação e debate sobre as vanguardas dos anos 1920, e, neste caso, com ênfase no Construtivismo. A disciplina é ministrada para alunos calouros da graduação em Design, e tem por objetivo promover reflexão sobre a cultura material e o design como produtos históricos. Pedro Perrone redigiu resenha acurada e permeada por observações críticas ao exposto por Eisenstein. Seu texto dá vigor à obra e merece ser compartilhado. —Irina Aragão

## PALAVRAS-CHAVE

Greve, indústria, proletariado, manifesto, cinema construtivista.

## ABSTRACT

*At the end of May 2018, at the time of the national strike of the truck drivers, I anticipated an activity of the discipline History of Design I, which minister at PUC-Rio. Students in their homes should watch the film *The Strike*, 1925, from Sergei Eisenstein's trilogy, and write a review of the play. The film, in my lecture, is part of a presentation and debate about the avant-gardes of the 1920s, and in this case, with emphasis on Constructivism. The discipline is taught to undergraduate students in Design, and aims to promote reflection on material culture and design as historical products. Pedro Perrone wrote an accurate review that is permeated by critical remarks to the exposed by Eisenstein. The text brings vigour to the Eisenstein's film and deserves to be shared. —Irina Aragão*

## KEYWORDS

*Strike, industry, proletariat, manifest, Constructivism cinema.*

## Um manifesto cinematográfico

Assim como é necessário ler mais de uma vez os parágrafos de um texto denso, escrito em uma linguagem distante da atual, para entendê-lo bem, as cenas do filme mudo de 1925, *A Greve*, de Serguei Eisenstein, também precisam ser vistas mais de uma vez para absorver bem suas ideias. A película, interpretada pelo Primeiro Teatro de Trabalhadores Proletkult, que faz parte de uma série de filmes sobre o movimento dos trabalhadores na Rússia, narra a história de uma greve do proletariado de um distrito fabril e faz referência à Greve Geral de 1912.

Em suas seis partes, acompanhamos o surgimento do movimento grevista, a evolução e sua trágica conclusão. Durante todo o filme, Eisenstein usa a sobreposição de imagens e simbolismos para pautar a narrativa. Isso fica muito claro logo no começo do filme, quando são apresentados os espiões, em que um *close* de um animal equivalente ao codinome do espião é sobreposto ao do ator, que replica suas feições e gestos.

A direção de arte de Vasiliy Rakhals não deixa dúvidas sobre a estética construtivista, industrial e geométrica na composição de suas cenas. O filme é repleto de enquadramentos de máquinas e grandes estruturas de metal, formando linhas claras e formas geométricas muito bem definidas, que criam imagens belíssimas e muito bem executadas pela equipe de cinematografia.

O filme também trabalha muito bem transições tanto entre cenas, como entre seus capítulos. Em destaque, são belíssimas as cenas em que fotografias se transformam em imagens em movimento. Quanto ao início de cada capítulo, podemos ver novamente o uso muito claro do simbolismo como forma de situar o espectador no ambiente e no ritmo do que está por vir.

A primeira parte, intitulada “*Tudo está calmo na fábrica*” (em tradução livre do inglês<sup>1</sup>), as primeiras imagens mostradas em sequência são: as chaminés da fábrica, o capitalista – diretor da fábrica –, a chegada do

---

<sup>1</sup> Versão disponível no Youtube, com legendas em inglês:  
<https://www.youtube.com/watch?v=VD40vLjRaNA>

proletariado da fábrica e o maquinário, seguidas da reapresentação do título da seção com um “*porém*” exibido em texto na tela.

O filme segue, apresentando operários conversando às escondidas pela fábrica, a direção da fábrica se dando conta disso, a apresentação dos espiões já citada e finalmente os trabalhadores se articulando para o início de uma greve. A primeira parte acaba com uma marcha de trabalhadores, liderada por um acordeonista, numa linda sobreposição de uma caminhada com um *close* do acordeão; a divulgação do ideário de greve e união do proletariado através de panfletos que tomam em cena em *closes* e como última imagem, chovendo papéis sobre a fábrica.

A segunda parte, chamada “*Uma razão para ‘grevear’*”, começa com a imagem de peças mecânicas, o roubo de um micrômetro, apresentado no filme como custando 25 rublos, o equivalente a três semanas de trabalho sobre o regime do Czar, e o relato de um dos operários aos supervisores. Este então é acusado de ladrão, o que o enfurece.

Minutos depois, em meio ao trabalho da fábrica, ele se suicida, se enforcando com seu cinto entre as máquinas. A música da orquestra, que até então pauta o ritmo de todo o filme, abruptamente para a medida que o cinto se aperta em torno de seu pescoço. Retorna logo após em um tom muito mais sombrio, de luto. A carta de despedida do homem, agora com seu nome revelado Yakov Strongen, é exibida na tela. “Adeus e lembrem-se de que eu não sou culpado”. É este o estopim para o início da greve.

O que segue é uma das sequências mais empolgantes do filme: a tomada dos operários da fábrica, repleta de embates entre colegas resistentes, os grevistas e a gestão. É marcante, a exibição de trechos do discurso reafirmando a força da união do proletariado, exibido a cena da massa de trabalhadores reunida, mas sem exhibir aquele que o entoa. A segunda parte acaba a imagem sobreposta de uma máquina parando e três proletários cruzando os braços.

A terceira parte, “*A fábrica está parada*”, começa com cenas de tranquilidade, filhotes de animais e crianças brincando. Um menino brinca de imitar o trabalho de seu pai, limpando um *samovar* e esfregando sua botina.

São contrapostas as imagens de frustração do diretor com a chegada de pedidos e a fábrica para com imagens dos trabalhadores reunidos discutindo suas demandas. A cena da reunião dos trabalhadores, divididos em círculos, referencia os soviets, os conselhos operários da Rússia comunista.

Após formuladas, nós vemos um grupo de acionistas analisando as demandas do movimento de greve. Sentados ao redor de uma mesa discutem o “*absurdo*” de seus pedidos aos risos. O que vemos a seguir, é a resposta do capital, a reunião dos trabalhadores é interrompida pela cavalaria da polícia, ao mesmo tempo que os acionistas se divertem com bebidas e charutos. “*É um absurdo. Trazer política para dentro do espaço de trabalho*”, diz um deles.

A medida que a cena de repressão se desdobra, vemos um dos homens em sua mesa de luxos, espremendo um limão. “Você pressiona com força e ganha... suco!”. Seguida de outro limpando seu sapato, em que caiu um gomo de limão, com a lista de demandas do movimento grevista.

O filme segue, na quarta parte, apresentando a luta dos operários com o prolongamento da greve. Com o pagamento cortado, começam a surgir tensões dentro da comunidade, a fome vira motivo de brigas nas famílias. Os espiões entram em ação, perseguindo líderes do movimento e, finalmente, identificando um dos grevistas após o mesmo retirar a divulgação da resposta, repleta de sarcasmo, dos acionistas às suas demandas.

Mais tarde naquela noite, esse mesmo grevista é capturado e coagido a entregar o líder do movimento grevista. Depois vemos os trabalhadores discutindo a resposta e começamos a ver o enfraquecimento do movimento, com a não unanimidade para continuação da greve.

A quinta, e penúltima, parte, “*Provocação a um massacre*”, começa com a cena de gatos mortos, pendurados a uma estrutura de metal, o que parece uma alusão ao operário que se suicidou no início do filme. Um dos membros da polícia czarista, apresentado junto a frase “*A polícia czarista não é melindrosa*”, abre caminho para o esconderijo de um grupo de miseráveis inescrupulosos, o “Rei” e seus “súditos”, dando um tapa em um dos gatos pendurados. O motivo de sua visita é a organização de um plano para

desmoralizar o movimento de greve e capturar seus líderes. A polícia então forma um acordo.

O “Rei” inicia um incêndio em um depósito de bebidas do Estado, onde se reuniam os operários, seus súditos os incitam a saquear a estrutura em ruínas. Os proletários percebem a armadilha e reagem. Uma mulher luta contra um grupo de homens policiais que a tentam impedir, sem sucesso, de acionar o alarme de incêndio. A parte se encerra com a chegada dos bombeiros, que ao invés de apagar o incêndio, tentam reprimir e separar a massa de trabalhadores com suas mangueiras. O plano para capturar o líder da greve é bem-sucedido.

Então, se inicia o ato final, intitulado “Exterminação”. As cenas a seguir são uma sucessão de violência e repressão da polícia montada do Czar contra o movimento operário. A cavalaria surge no distrito fabril para dispersar a greve. Os operários reagem. A batalha se segue pelo distrito, com o proletariado cada vez mais encurralado e a orquestra cada vez mais aguda e ríspida, o som dos violinos parece cortar a cena.

Vale notar que as cenas de violência não são sangrentas. O primeiro corpo que vemos é de um homem que cai de uma das passarelas entre prédios no distrito. O massacre não se faz claro até o momento em que um dos policiais ergue uma criança pelas mãos e a solta do último andar do conjunto de prédios. A imagem exibida então é de todos os corpos dos proletários caídos pelas passarelas.

Os capitalistas, aos risos, anunciam o massacre para o líder grevista. Uma briga acontece, e potes de tinta são derramados, como sangue, pelo mapa do distrito. A música muda, uma série de batidas graves ritmadas tal como máquinas executando trabalho pesado ou a marcha de um exército. A cena do povo fugindo à repressão, agora claramente armada e atirando, é pareada à cena de um boi sendo morto em matadouro. Tal qual o movimento da greve, o boi é morto, degolado e seu sangue escorre enquanto se debate. O filme termina com uma mensagem: “E como cicatrizes sangrentas e inesquecíveis no corpo do proletariado nas feridas de Lena, Talka, Zlataust, Yaro, Slavl, Tsaristin e Kosteroma. Lembrem-se, proletários.”

O filme de Eisenstein, que começou com uma citação de Lenin, não esconde sua intenção política. Não possui a figura de um herói, nem de um único vilão, porquanto se sustenta no antagonismo entre o heroísmo e força da união do movimento operário e a repressão inescrupulosa daqueles no poder. E com a mensagem final, glorifica como heróis do movimento revolucionário russo, os mortos nos massacres reais promovidos pelo regime czarista.